



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, INOVAÇÃO E CIBERCULTURA

Darlene Teixeira Castro

UFBA/UNITINS

darlenetx@gmail.com

Resumo: O termo inovação vem sendo muito utilizado nos diversos setores do conhecimento. Percebe-se que estamos num turbilhão de acontecimentos a que podemos chamar de revolução científico - tecnológica. Verifica-se que a informação e o conhecimento constituem recursos econômicos fundamentais e, ancorado nas tecnologias de informação passam a servir de objeto da sociedade da informação. Na cibercultura é possível verificar novos meios e critérios de criação e criatividade, em que a idéia principal é a liberdade da informação, ou seja, a liberação do pólo de emissão, de forma re-configurada, em que nada é substituído, mas aprimorado em busca de inteligências coletivas. É importante se promover a sociedade da informação visto que esse paradigma oferece novas perspectivas para os indivíduos, ampliando um novo modo de produção para a informação. Com isso, tem-se a possibilidade de criar conhecimentos gerados e utilizados pela sociedade. O artigo tem por objetivo mostrar esse panorama da sociedade da informação, perpassando pela inovação e a cibercultura.

Palavras-chave: sociedade da informação, inovação, cibercultura

Introdução

No século XIX, com Augusto Comte e Karl Marx e suas linhas de pensamento enfocando a atitude cientificista, propiciou o surgimento das academias científicas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

possibilitando o intercâmbio e sistematização do conhecimento e, assim, as pesquisas e estudos passam a ter um caráter institucional. Criava-se a ilusão de que a ciência pudesse resolver todas as dúvidas e inquietações do homem.

Foi nesse período de grande euforia e afirmação do homem que novas técnicas agrícolas foram criadas, as máquinas a vapor, os novos métodos de navegação e as ferrovias ampliaram o comércio, com o telégrafo e o telefone, barreiras geográficas foram quebradas e na área da saúde, possibilitou ao homem maior estimativa de vida. Toda a construção do saber científico era visto sob uma ótica positivista, que tem como características o empirismo, a objetividade, e a experimentação e tudo são calcadas na experiência para a validação do saber e tem relação com as pesquisas que tratam de verdades objetivas e quantitativas.

Segundo os historiadores, houve pelo menos duas revoluções industriais: a primeira começou pouco antes dos últimos trinta anos do século XVIII, caracterizada por novas tecnologias como a máquina a vapor, a fiadeira, o processo corte em metalurgia e, de forma mais geral, a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas; a segunda, aproximadamente cem anos depois, destacou-se pelo desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna, de produtos químicos com base científica, da fundição eficiente de aço e pelo início das tecnologias de comunicação, com a difusão do telégrafo e a invenção do telefone (CASTELLS, 2003b, p. 71).

Para Dagnino (2002),

a grande transformação que ocorreu no século dezenove – a descoberta de um método de invenção – fez com que a ciência passasse a seguir regras de funcionamento próprias, permitindo com isso agilizar os processos de mudança, tornando-os mais conscientes e previsíveis. O conhecimento passou a ser buscado em caminhos planejados, desejados previamente, e não de forma aleatória. A busca do conhecimento técnico-científico deixou de estar apoiada no passado, no conhecimento adquirido e acumulado, para estar orientada pela antevisão de onde se quer chegar, assumindo um caráter funcional. Assim, a tecnologia deixou de ser vista simplesmente como algo



que permitia a transformação de conhecimentos teóricos em máquinas.
(DAGNINO, 2002, p. 25).

As ciências humanas surgiram na segunda metade do século XIX devido às necessidades e problemas da sociedade e, uma das maiores mudanças veio com a Revolução Industrial. Através dela, surgem grandes progressos e inovações, mas, também, os problemas que toda essa revolução causou, principalmente para a sociedade. Sobre isso, Laville e Dionne (1999, p.53) nos afirma que: "de qualquer modo, os ritmos impostos pela revolução industrial e pela vida urbana destroem ou transformam os antigos modos de vida e levam ao individualismo, assim como ao isolamento".

Com toda essa expansão e urbanização, à distância entre as camadas sociais tornam-se cada vez mais visíveis e desencadeiam os diversos problemas sociais. Parte daí, a necessidade de se desenvolver as ciências humanas para se tentar compreender e de intervir na ordem social da mesma forma que as ciências naturais tentavam dominar a natureza.

É nessa época que as ciências humanas nos dão, criando-os, redefinindo-os, os numerosos conceitos que hoje parecem indispensáveis a nossa inteligibilidade do real: industrialização, urbanização, democracia em sentido atual, capitalismo, ideologia, classe social, massa, proletariado, crise.
(LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 54).

Somente a partir da segunda metade do século XX que as ciências humanas atingiram os padrões científicos que desde o início já prevaleciam na Europa. Essa defasagem se deu por dois motivos: o primeiro, diz respeito à não-autonomia do pensamento científico-racional em relação à ordem patrimonial e escravocrata dominante no Brasil durante o século IX e, com isso, era difícil que a ciência pudesse se desenvolver, pois não se podiam contrariar os interesses da elite dominante. Outro fator foi à resistência cultural aos fundamentos de uma concepção científica do funcionamento das instituições e da origem dos comportamentos humanos, própria do contexto dominado por valores e interesses religiosos e conservadores.

Kuhn (1992, p. 125) afirma que "... consideramos revoluções científicas aqueles episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior”. Com isso, mostra que as revoluções científicas não ocorrem de forma cumulativa, mas sim pela ruptura das teorias até então adotadas.

Percebe-se que à medida que os problemas mudam, mudam também, os padrões que distinguem uma verdadeira solução científica de uma simples especulação metafísica. A tradição científica normal que emerge de uma revolução científica é não somente incompatível, mas muitas vezes verdadeiramente incomensurável com aquela que a precedeu.

Inovação e as tecnologias da informação na sociedade contemporânea

O termo inovação vem sendo muito utilizado nos diversos setores do conhecimento. Percebe-se que estamos num turbilhão de acontecimentos a que podemos chamar de revolução científico - tecnológica. A inovação é um conjunto de ações – funções – pessoas num todo integrado e, para que um processo de inovação aconteça, é preciso analisar as informações que perpassam os diversos segmentos envolvidos.

Druker (1998) considera que a inovação deve ser uma prática sistemática e apresenta como fontes de informação: pesquisa e desenvolvimento, mudanças na percepção e novos conhecimentos.

A inovação foi tradicionalmente abordada enquanto resultado das atividades de pesquisa e desenvolvimento - P&D e identificada como o avanço da ciência. Hoje se reconhece que a inovação é, antes de tudo, o resultado de um processo de aprendizagem organizacional e que os principais recursos utilizados nesse processo são: a informação (sobre o avanço da ciência e tecnologia - C&T, sobre os mercados, os concorrentes, as regulamentações) e o conhecimento (as competências, o *know-how*, a P&D), em um ambiente organizacional favorável.

A complexidade crescente das tecnologias torna necessária uma grande diversidade de conhecimentos e informações para inovar. Esses recursos se encontram distribuídos em diferentes tipos de organizações (empresas, universidades, centros de pesquisa e governo). O sistema de inovação é formado por esses organismos e



caracterizado pelas relações estabelecidas entre eles com o objetivo de promover a inovação.

No Brasil e, mais especificamente as empresas brasileiras, a preocupação com as questões relativas a informação e a inovação são em grande parte importadas, muitas vezes das matrizes. Há baixa atividade de inovação, falta de sistematização e continuidade das relações entre os atores da inovação no Brasil (universidades, empresas, órgãos governamentais).

Assim, a baixa conectividade do sistema de inovação brasileiro, caracterizada pela fragilidade dos fluxos de informação e de conhecimento no seu interior, está relacionada a baixa atividade de criação tecnológica de nossas organizações. Castells afirma que

sem dúvida, desde o início dos anos 70, inovação tecnológica tem sido essencialmente conduzida pelo mercado: e os inovadores, enquanto ainda muitas vezes empregados por grandes empresas, em particular no Japão e na Europa, continuam a montar seus negócios nos Estados Unidos e, cada vez mais, em todo o mundo. (CASTELLS, 2003b, p. 107)

E é essa integração que faz das TIC um avanço para a sociedade contemporânea. Para o desenvolvimento social, político e econômico, faz-se necessário à disseminação do conhecimento que pode ser apoiado nas tecnologias da informação, propiciando uma grande quantidade de informações, principalmente pela Internet, de forma a facilitar a otimização dos processos e criação de novas formas de aprender e pensar.

Para Castells (2003a, p.10), “a internet é uma tecnologia particularmente maleável, suscetível de ser profundamente alterada por sua prática social, e conducente a toda a uma série de resultados sociais potenciais – a serem descobertos por experiência, não proclamados de antemão”. E ainda complementa que:

A elasticidade da internet a torna particularmente suscetível a intensificar as tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade. (CASTELLS, 2003a, p.11).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Com toda essa avalanche de informações e o grande volume de dados, faz-se necessário meios para o tratamento, armazenamento e recuperação dessas informações. Existem diversas ferramentas que podem ser utilizadas para a criação de banco de dados com recursos para buscas e monitoramentos de forma constante.

Dentre as abordagens, o que vem se destacando como recursos estratégico é a gestão do conhecimento.

Podemos observar que ao longo de vários séculos o papel do conhecimento para os indivíduos, para as organizações e para as sociedades mudou de vários modos, mudanças que se tornaram evidentes desde o início deste século, e aproximadamente desde 1960 e estão se tornando parte de uma grande revolução chamada algumas vezes de pós-modernismo. (WERSIG, 1993, p. 231).

Para o autor, essa mudança do papel do conhecimento tem quatro dimensões: despersonalização e tecnologias de comunicação; credibilidade e tecnologias de observação; fragmentação e tecnologias de apresentação; e racionalização e tecnologias de informação.

Segundo Wersig (1993, p. 232), “o universo do conhecimento está se desmembrando de forma crescente por muitas razões. Uma delas, certamente, é o absoluto volume, que torna impossível para qualquer pessoa acumular todo o conhecimento disponível”.

A gestão do conhecimento pode ser vista como o conjunto de atividades que busca desenvolver e controlar todo tipo de conhecimento em uma organização, visando á utilização na consecução de seus objetivos. Para isso, é preciso estabelecer políticas, procedimentos e tecnologias que sejam capazes de coletar, distribuir e utilizar efetivamente o conhecimento. (MORESI, 2001, p. 137).

Segundo Castells (2003b) um novo salto tecnológico permitiu a difusão da internet na sociedade em geral: a criação de um novo aplicativo, a teia mundial (world wide web – WWW), que organizava o teor dos sítios da internet por informação, e não



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas.

Em fins da década de 90, o poder de comunicação da internet, juntamente com os novos progressos em telecomunicações e computação provocaram mais uma grande mudança tecnológica, dos microcomputadores e dos *mainframes* descentralizados e autônomos à computação universal por meio da interconexão de dispositivos de processamento de dados, existentes em diversos formatos. (CASTELLS, 2003b, p. 89)

É a partir do desenvolvimento da revolução da tecnologia na informação que a formação dos meios de inovação foram descobertas, aplicadas e testadas em processos de tentativa e erro: aprendia-se fazendo.

Com a aceleração da cibercultura, cria-se a mediação entre o espaço público virtual e o espaço público global/local, sem limites geográficos ou de tempo. Ampliam-se os processos de (re) configuração e as novas formas de interação, evidenciando a cibernsocialidade.

A cibercultura nasce nos anos 50 com a informática e a cibernética e começa a se tornar popular na década de 70 com o surgimento do microcomputador e se estabelece completamente nos anos 80 e 90, principalmente com o *boom* da internet. (LEMOS, 2004).

A cibercultura caracteriza-se por três leis fundadoras: a liberação do pólo de emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais. (LEMOS, 2004). Esses três pontos vão proporcionar uma mudança social na vivência do espaço e do tempo e os processos de re-mixagem contemporâneos. (LEMOS, 2006).

Na cibercultura é possível verificar novos meios e critérios de criação e criatividade, em que a idéia principal é a liberdade da informação, ou seja, a liberação do pólo de emissão, “tudo deve estar na rede”, de forma re-configurada, em que nada é substituído, mas aprimorado em busca de inteligências coletivas.



O lema da cibercultura é “a informação quer ser livre”. (LEMOS, 2006, p. 54). Segundo Lemos (2004a) o atual sonho da cibercultura é a existência de uma nuvem de conexão pairando sobre nossas cabeças, podendo ser acessada de qualquer lugar. O autor alerta também que o problema é ainda a falta de um modelo econômico, pois a demanda social existe.

Com a sociedade da informação é possível criar oportunidades para a utilização de novos métodos e técnicas para o processamento das informações. Isso pode ser mais bem trabalhado com os recursos tecnológicos, propiciando novas demandas ao poder público e, conseqüentemente, novas formas de interação com a comunidade.

O processamento da informação é focalizado na melhoria da tecnologia do processamento da informação como fonte de produtividade, em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e a aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação: é por isso que, voltando a moda popular, chamo esse novo modo de desenvolvimento de informacional, constituído pelo surgimento de um novo paradigma tecnológico baseado na tecnologia da informação. (CASTELLS, 2003b, p. 54).

Para Castells (2003b) esse novo paradigma da sociedade da informação tem algumas características e, dentre elas podemos citar: a informação é sua matéria-prima; os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade; predomínio das lógicas de redes; flexibilidade; e crescente convergência das tecnologias.

É importante se promover a sociedade da informação visto que esse novo paradigma oferece novas perspectivas para os indivíduos, ampliando um novo modo de produção para a informação. Com isso, tem-se a possibilidade de criar novos conhecimentos gerados e utilizados pela sociedade.

Castells (2003b, p. 53-54) nos adverte que: “na verdade, conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação”.



Castells (2003b, p. 69) ainda complementa que “o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”.

Com isso, percebe-se que as TIC não devem ser consideradas como ferramentas, mas processos que devem ser desenvolvidos para a criação e geração de conhecimento. A sociedade da informação acaba trazendo novas responsabilidades para os que desejam propor projetos que visam a diminuir a exclusão digital, pois a idéia é possibilitar a geração de novos conhecimentos para a sociedade.

Lemos (2004c, p. 11) afirma que “a cibercultura potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber, o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos e, ao instaurar uma cultura planetária da troca e da cooperação, estaria resgatando o que há de mais rico na dinâmica de qualquer cultura”.

A cibercultura acaba potencializando as diversas formas e circulação cultural baseada na troca de conhecimentos, na apropriação e no desenvolvimento do trabalho de forma coletiva e compartilhada, com novas maneiras de se relacionar com o outro e com o mundo.

Para Lévy (1999), o fato de o ciberespaço mundializar o consumo (de produtos e de informação) não é sinônimo de dominação. Pelo contrário, a característica principal desse novo meio de comunicação é que quanto mais universal, menos "totalizante" (ou totalitário).

Lemos e Cunha (2003) afirmam que podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70. A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A cibercultura nasce do desdobramento da relação da tecnologia com a modernidade que se caracterizou pela dominação, através do projeto racionalista-iluminista, da natureza e do outro. (LEMOS e CUNHA, 2003).

A ampliação desse fenômeno ocorre com a internet. Temos a nosso dispor um número cada vez maior de informação e, como se sabe, ainda é para uma pequena parcela dos indivíduos. A partir disso, é preciso lutar para garantir acesso e condição para apropriação das tecnologias de informação e comunicação.

Para Lemos (2007, p. 4) “criar um território é se apropriar, material e simbolicamente, das diversas dimensões da vida. O Estado e as instituições tendem sempre a manter territórios como forma de poder e controle. Toda territorialização é uma significação do território (político, econômico, simbólico, subjetivo) e toda desterritorialização, re-significação, formas de combate a inscrição da vida em um “terroir”, “linhas de fuga”.

Nesse contexto, a cibercultura é uma cultura da desterritorialização em que os problemas de fronteira agravam as crises de controle e acesso. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além das fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global da formação do sujeito). (LEMOS, 2007).

Segundo o autor o que tem feito do ciberespaço um mecanismo de liberação da emissão, de reconfiguração cultural e de sociabilidade coletiva em rede é a potência para a criação de linhas de fuga em um espaço de controle informacional. Essas linhas de fuga vêm obrigando a indústria do entretenimento e da cultura massiva a readaptações.

Um site é sempre uma territorialização ou uma des-territorialização, lugar de controle que pode ser uma linha de fuga ao poder instituído, ou a reafirmação desse mesmo poder. Podemos dizer aqui que a cibercultura não apenas destrói hierarquias e



fronteiras, mas também as institui em um processo complexo de des-re-territorializações. (LEMOS, 2007).

Compreender a cibercultura só é possível a partir de um pensamento móvel, que dê visibilidade a processos de mobilidade urbana, de cidades globais e nomadismos informacionais. Na cibercultura a rede passa a envolver os usuários e os seus objetos de forma conectada, modificando assim as formas de se produzir e consumir informação. A era da conexão é a era da mobilidade. (LEMOS, 2007, 2004a).

Lemos (2004b) afirma que o espaço urbano, na atual era da cibercultura, a cidade ciborgue é a cidade contemporânea permeada por espaços de fluxos de informações digitais planetárias e suas diversas tecnologias ligadas por redes telemáticas. Emergem da cidade-ciborgue questões como cidades virtuais, governo eletrônico, cibercidadania, exclusão e inclusão digital, ciberdemocracia, questões estas urgentes para a compreensão da cibercultura do século XXI.

Neste contexto, a informação ganha peso estratégico em busca de economias que possam flexibilizar, descentralizar para aplicação da gestão da informação para consumo e serviços baseados na construção do conhecimento. Seria o que Castells (2003b) chama de sociedade em rede. As tecnologias do ciberespaço alteraram drasticamente o significado de distância e de tempo instaurando uma nova forma de comunicação mundial. Para a transmissão de informação através do espaço, a distância torna-se secundária. (LEMOS, 2004b).

Lemos (2004b, 2004c) afirma que o espaço virtual não substitui o espaço físico, mas adiciona funcionalidades e que a cibercultura instaura uma cultura de compartilhamento e de trabalho colaborativo.

Os avanços tecnológicos acabam impondo uma reorganização constante, impulsionada pelas avalanches de informação disponíveis na “rede”, mas isso não significa maior construção de conhecimento e de sentido.

Castells (2003b, p. 8) afirma que “a influência das redes baseadas na internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade de uso”. O autor



ainda acrescenta que “cabe ao leitor filtrar, interpretar e usar, de acordo com seu próprio contexto, a contribuição analítica que posso oferecer com base em minha própria teoria e observação”. (CASTELLS, 2003b, p.12).

Para Castells (2003b, p. 442) “a comunicação mediada pela internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social” (CASTELLS, 2003b, p. 442).

Segundo Couto e Fonseca (2005), o conceito de comunidade possibilita diversos enfoques na constituição teórica do homem e de seus relacionamentos sociais. Tal noção remonta aos primórdios da humanidade, considerando-se que o homem sempre buscou se associar a outros da sua espécie para suprir as diversas necessidades de sobrevivência (proteção mútua, convívio social, diversão, procriação e cuidado da prole).

Quando falamos em comunidade de aprendizagem, devemos levar em consideração o que a compõe: pessoas, objetivos, políticas comuns e TIC. Isso faz com que as pessoas compartilhem informações e interesses comuns.

Castells cita, entre outras coisas, que, como nas redes físicas pessoais, “os usuários da internet ingressam em redes ou grupos on-line com base em interesses em comum” (CASTELLS, 2003b, p. 444).

As transformações provocadas pela sociedade do conhecimento exigem das pessoas uma aprendizagem constante, disposição para trabalhar em equipe, superar desafios, resolver problemas complexos.

Uma distinção fundamental na análise da sociabilidade é entre os laços fracos e laços fortes. A Rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos. Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo. A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação (CASTELLS, 2003b, p. 445).



As transformações provocadas pela sociedade do conhecimento exigem das pessoas uma aprendizagem constante, disposição para trabalhar em equipe, superar desafios, resolver problemas complexos. Com isso, é nítido se perceber que essas interações possibilitam o envolvimento mais descompromissado, e claro, a efemeridade das amizades on-line.

Considerações Finais

Percebe-se que em todos os períodos da história, o homem necessitou de alternativas para resolução dos problemas que surgiam e assim, ter possibilidade de enfrentá-los sem serem derrotados pelas forças naturais. Não se deve esquecer que um dos principais objetivos da ciência é a compreensão das questões que circundam o mundo de forma que possa tentar controlar suas causas e efeitos para o bem da sociedade.

Resumidamente, a ciência, em toda a extensão histórica, tem hoje uma característica dialética, perpassando pelos dois lados da moeda: entre o desenvolvimento e suas conseqüências, das descobertas e as seqüelas deixadas, dos experimentos mal sucedidos para apropriação do conhecimento atual, fazendo com que o desenvolvimento da ciência sobreponha aos milagres das idades anteriores. Conforme colocado por Regis de Moraes (2002 p. 52), “... como toda obra humana, a ciência se mostra como uma síntese de opostos. Nela estão nossas glórias, como também nossas misérias”.

Lê Coadic (1996, p.27) nos diz que “a informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento”.

As novas tecnologias vêm permitindo extrapolar as fronteiras de espaço/tempo, favorecendo assim, a velocidade da coleta e processamento das informações, interatividade em qualquer parte do mundo, cabe verificar como as pessoas distribuem e utilizam a informação de forma que vire conhecimento.



Por meio das tecnologias de informação é possível monitorar, coletar e analisar as informações tanto no ambiente externo como interno da concorrência oportunizando maiores e melhores escolhas no processo de tomada de decisão. Este monitoramento deve abranger os aspectos tecnológicos, científicos, técnicos, políticos, sociais, comerciais, focando o ambiente e a sociedade.

É por essa razão que se faz necessário favorecer uma ampla utilização das tecnologias de informação e comunicação nas atividades, com políticas que trabalhem com diretrizes que estabeleçam uma intrínseca relação entre a teoria e a prática.

Mediante a tudo isso, faz-se necessário implementar novas formas de comunicação e organização da informação, em espaços dinâmicos e interativos. Um exemplo seria os ambientes que giram em torno do que chamamos de ciberespaço que ampliam a disseminação da informação, criando novas formas de interatividade para a produção de conhecimento.

Tudo isso é pertinente visto que as sociedades contemporâneas já estão a exigir um novo tipo de indivíduo e de trabalhador em todos os setores sociais e econômicos: um indivíduo dotado de competências técnicas múltiplas, habilidade no trabalho em equipe, capacidade de aprender e de adaptar-se a situações novas.

Referências

CASTELLS, Manoel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003a.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 7. ed. v. 1, São Paulo: Paz e Terra, 2003b.

COUTO, E. S.; FONSECA, D. O. da C. L. Comunidades virtuais: herança cultural e tendência contemporânea. In: PRETTO, N. de L. (org.). **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 53-67.



DAGNINO, Renato. Enfoques sobre a relação Ciência, tecnologia e Sociedade: Neutralidade e Determinismo. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, dez. 2002.

DRUKER, P. F. **The discipline of innovation**, Harvard Business Review, nov-dec, 1998.

KUHN, Thomas Samuel. As crises e a emergência das teorias científicas. *In: A estrutura das revoluções científicas*. 3ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 257p. (série Debates – Ciência). p. 93 a 143.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. Ciências Humanas e Sociedade. *In: ____*. **A construção do Saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999. cap.3. p. 51-82.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 117p.

LEMOS, André. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis**: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. *In: Médola, Ana Silvia; Araújo, Denise; Bruno, Fernanda*. (orgs), *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*, Porto Alegre, Sulina, 2007.

LEMOS, André. **Ciber-cultura-remix**. *In: Araújo, Denise Correa*. (org), *Imagem (ir) realidade: comunicação e cibernídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 52-65.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2 ed. Porto Alegre, Sulina, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade**: a era da conexão. *Comunicaciones Móviles*. *In: Razón y Palabra*, n. 41, Octubre/Noviembre, 2004a.

LEMOS, André. **Cidade Ciborgue. A Cidade na Cibercultura**. *In: Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e Cultura*., n. 8 outubro de 2004. PUC-SP, São Paulo, EDUC: Brasília, 2004b.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma cultura “Copyleft?”**. *In: Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura, FACOM/UFBA*, Salvador, vol 2, n. 2, p. 9-22, dez 2004c.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

LEMOS, André.; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003. p. 11-23.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999.

MORESI, E.A.D. Gestão da Informação e do Conhecimento. TARAPANOFF, Kira (org). **Inteligência Organizacional e Competitiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 111-142.

WERSING, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information processing & management**, v. 29, n.2, p. 229-239, 1993.